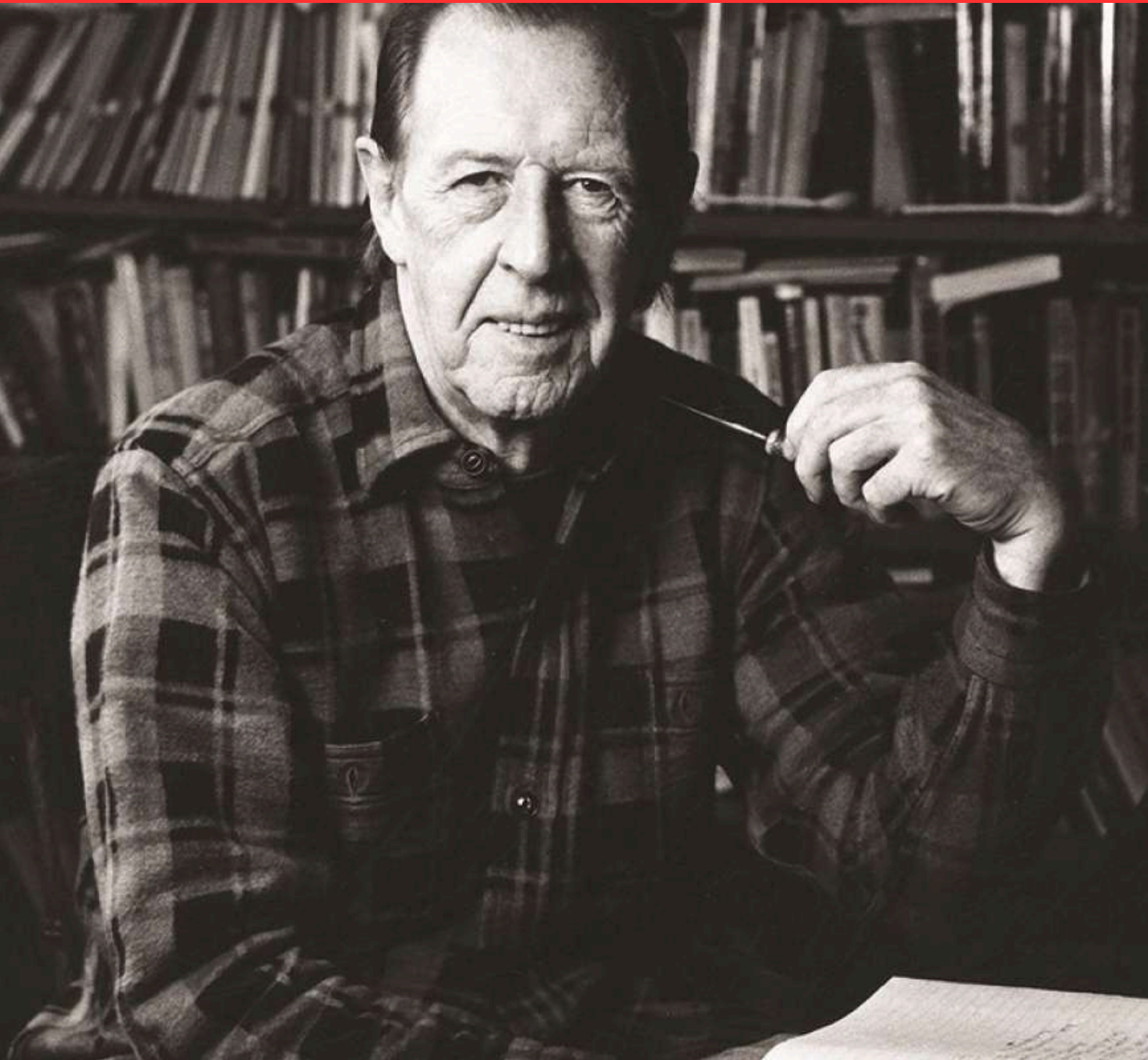


A POLÍTICA, O TEATRO E O CINEMA

70 ANOS DE *DRAMA EM CENA* DE RAYMOND WILLIAMS



PPG **ELLI**
50 anos

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
E LITERÁRIOS EM INGLÊS

26, 27 E 28 DE NOVEMBRO
LETRAS - FFLCH/USP

 **CAPES**

Apresentação

a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



A influência duradoura de Raymond Williams pode começar a ser explicada pela originalidade com que ele desenvolveu a relação entre produção cultural e sociedade em um momento em que as posições dominantes no panorama da crítica procuravam se legitimar ora por certo formalismo, que tira pouca ou nenhuma consequência de seus achados oriundos de observações bastante pormenorizadas, ora por certo sociologismo, que, como se sabe, faz pouca coisa além de tornar a cultura supérflua, rebaixando-a à condição de ilustração. Para ele, no entanto, cultura e sociedade só poderiam ser separadas analiticamente, na medida em que seriam duas manifestações de um mesmo impulso, isto é, de um mesmo modo de vida. Seu materialismo cultural – calcado na produção simbólica não como meras estruturas de significado subordinadas aos arroubos inexplicáveis do gênio individual, mas como prática social – contribuiu para tornar incontornável o estudo de um determinado projeto ou obra em conjunto com a sua respectiva formação. Porém, muito embora Williams tenha se notabilizado justamente por essa expansão das mais profícuas do alcance dos estudos literários até o ponto de, em suas mãos, eles terem sofrido uma mutação e se tornado um aspecto da profusão de possibilidades tão característica dos estudos culturais, mais ou menos como os conhecemos hoje em dia, é inegável, e provavelmente bastante revelador, que o interesse pelo teatro, ou melhor dizendo as artes cênicas em geral, é algo especial e que marca a sua intervenção intelectual de ponta a ponta.



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



Basta lançar um olhar à sua trajetória e tal afirmação é facilmente comprovada. Do doutorado sobre Ibsen, escrito em Cambridge entre 1947 e 1949, ao ensaio “Theatre as a political forum” (1988), publicado no ano de sua morte, passando por textos notáveis como “The social history of dramatic forms” (1961), “Drama in a dramatized society” (1974) e “On dramatic dialogue and monologue (particularly in Shakespeare)” (1980-83), o que se percebe é uma preocupação permanente em descobrir e interpretar as relações entre a prática teatral – texto e performance – e a sociedade que a informa e é informada por ela. Não é, nesse sentido, difícil de entender o porquê das correspondências privilegiadas entre a evolução de seu pensamento como um todo e a sua avaliação do teatro moderno, especialmente uma vez que, de todas as manifestações culturais, o teatro seja a que se estrutura na zona de máximo contato com a realidade coletiva.



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



Um exemplo disso pode ser encontrado em seu prefácio de 1968 à versão revisada e expandida de *Drama in performance*, que apareceu originalmente em 1954. Nele, Williams nos recorda que aquele livro e mais dois da maior importância - escritos nas décadas de 1950 e 1960, a saber, *Drama from Ibsen to Eliot* (1952), cujo ponto de fuga da história do teatro moderno se deslocaria para *Drama from Ibsen to Brecht* (1968), e *Modern tragedy* (1966) - devem ser lidos como componentes de um mesmo argumento: a alteração substancial da própria ideia de cultura promovida pela coordenação entre as lutas democráticas modernas, a industrialização e urbanização do mundo e a emergência das novas tecnologias de telecomunicações. O que se nota na revisão de suas ideias a respeito do teatro moderno é precisamente que a complexificação social entrou em rota de colisão com os limites estreitos da forma estabelecida do drama, quase de maneira inconteste, até o fim do século XIX, quando a busca de novos arranjos cênicos tornou-se premente, ocasionando, no teatro mais consequente do século XX, a crescente separação entre drama escrito e espetáculo encenado. Na orelha da tradução brasileira de *Drama em cena*, Maria Sílvia Betti nos sintetiza bem o que está em jogo no livro:



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



“o autor constrói... uma sociologia histórico-analítica das formas no teatro, registrando e problematizando a gradual aproximação entre texto e cena, e acompanhando, a seguir, o seu progressivo afastamento...”

O foco do trabalho de Williams localiza-se nas relações entre o texto e a encenação. Para o autor, o afastamento entre dramaturgia e encenação iniciou-se historicamente no momento em que a forma do drama passou a apresentar limites crescentes para a representação da sociedade e das relações sociais a que pertencia. Na análise de *Casa de bonecas* (1879), de Henrik Ibsen, por exemplo, ele frisa o fato de as ações praticadas pela protagonista no presente não serem tão determinantes quanto as ações passadas que ela rememora. De fato, é justamente das rememorações que a protagonista irá, pouco a pouco, extraíndo o fio analítico que terá papel fundamental na peça. Ao colocar em foco os pontos de aproximação e de afastamento entre falas e ações cênicas, Williams constrói uma abordagem cujo vigor e ineditismo provêm, precisamente, da análise das relações entre essas duas esferas usualmente tratadas de maneira isolada.”

Maria Sílvia Betti



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



Estamos, portanto, diante de transformações, a um só tempo, literárias, culturais e sociais, que só puderam começar a ser captadas pelo conceito de “estrutura de sentimento” de Williams. Vale a pena recuperar um pouco da dimensão dessa formulação pensada precisamente para enquadrar essa e tantas outras transições ou mudanças estilísticas, que são socialmente significativas. Em *Para ler Raymond Williams* (2001), Maria Elisa Cevasco esclarece que tal invenção conceitual serve à “tentativa de descrever a relação dinâmica entre experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições e tradições”. Em outras palavras, a crítica cultural materialista de nosso autor foi capaz de, nos termos de Luiz Fernando Ramos no prefácio à tradução brasileira de *Drama em cena*, “desenvolver um método de análise que [dá] conta da dialética entre convenções estáveis e as formas novas que as modificam” e jogar luz no dinamismo entre fatores hegemônicos, emergentes e residuais, que caracteriza as relações complicadas entre cultura e sociedade: “a convenção estará sempre limitada pelas tradições de cada época – enquanto acordo tácito – e sempre sujeita à necessária pressão dos experimentos gerados por novos modos de sentir e pela percepção de novas, ou redescobertas, técnicas”. Ou seja, a estrutura de sentimento de determinado momento e lugar revela um significado sócio-histórico sutil e profundo, inacessível por meios menos mediados como disciplinas acadêmicas e sondagens quantitativas, mas passível de ser descoberto e interpretado nas confluências e conflitos entre experiência, consciência e linguagem contidos nas mais variadas práticas culturais.



a Pelican Book
Drama in Performance
Raymond Williams



Se for assim, *Drama em cena* e as demais contribuições de Williams aos estudos do teatro e cinema são de grande valia para identificar e entender a transformação social como um todo. Entretanto, estas não parecem ser simples intuições ou reflexões frutos de uma mente iluminada, já que tais descobertas teóricas são indissociáveis de uma nova situação histórica e atitude perante à própria produção e difusão culturais.

“... animado pelos ventos trabalhistas (*Labour Party* no poder), engajou-se num programa de educação de adultos vinculados a Oxford, passando a lecionar para trabalhadores como escriturários, enfermeiras, donas de casa, sindicalistas, outros professores de adultos, funcionários do *Welfare*, metalúrgicos, comunistas, e assim por diante. São esses os interlocutores prioritários de *Drama in performance*, no qual o professor mostra a impossibilidade de “aplicar” de modo chapado ao texto teatral o método do *close reading* criado por seus antecessores e mestres em Cambridge. Entre muitos motivos, pela simples e boa razão de que textos teatrais nem sequer fazem sentido se a sua leitura não assumir o pressuposto óbvio de que foram escritos para encenação em condições físicas, culturais e políticas determinadas; só em seu contexto é possível atinar com a sua linguagem, tanto no sentido estritamente físico (emissão vocal, ênfases e demais tópicos dos quais se ocupa a retórica) quanto no sentido gestual (o plano das relações entre personagens e entre estas e sua circunstância)... o livro é uma antologia de textos básicos organizada na intenção de apresentar a história do teatro ocidental a estudantes que, de um modo geral, tinham sido excluídos, por razões políticas e econômicas dessa experiência cultural”

Iná Camargo Costa



a Pelican Book
**Drama in
Performance**
Raymond Williams



Acima, Iná Camargo Costa reconstitui, em prefácio à edição brasileira de *Tragédia moderna*, um pouco das circunstâncias e da novidade do livro de Williams.

Além do contexto de fortalecimento da posição institucional da classe trabalhadora na Inglaterra, ela reafirma o que temos sugerido até aqui: a conexão intrínseca entre o desenvolvimento do pensamento de nosso autor, a sua formação sócio-histórica e as formulações acerca do teatro, já que não apenas a pesquisa acadêmica deixa de ter como fim primário a erudição para abarcar em primeiro lugar a urgência de expandir o acesso a uma cultura até então para poucos, como também a constatação da insuficiência da crítica literária tradicional para lidar com problemas emergentes engendra novas formas de análise. É, com efeito, uma conjuntura de expansão sem precedentes da esfera cultural que exerce pressão e impõe limites aos modos consolidados e alternativos de se fazer e estudar cultura; isto é, a propósito, tanto um diagnóstico dos estudos culturais quanto a sua própria condição de possibilidade. Vemos, portanto, como o contexto de ascensão e queda da política do estado de bem-estar social da Europa ocidental, bem como as suas inúmeras contradições, ensejou metamorfoses nos meios de apresentação e reflexão teóricas. Diante da nova formação social, o projeto intelectual alterou-se radicalmente até transitar para o materialismo cultural que temos procurado tracejar.

Sérgio de Carvalho, por sua vez, aborda a trajetória de Williams pelo prisma das continuidades entre teatro e política e acaba por nos dar um apanhado do sentido do livro:



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



“As descrições apresentadas em *Drama em cena* iniciam-se com *Antígona*, de Sófocles, passam por autores como Shakespeare, mas seu alvo outra vez está no teatro moderno. O livro já supõe a distinção entre Naturalismo e o “hábito naturalista”. Tchekhov é de novo discutido, não apenas do ângulo do fracasso de um grupo de personagens que “consome toda sua energia no processo de tomar consciência de sua própria incapacidade e impotência”. Williams examina o atrito entre a versão literária e a teatral de *A gaivota*, comentando as muitas inserções cênicas de gestos e detalhes feitas por Stanislavski na famosa montagem do Teatro de Arte de Moscou. Como o foco de autores como Tchekhov e Ibsen estava na “vida que não se realizou”, era necessário que a estrutura da peça explorasse uma dissociação entre fala e ação, o que abria muita margem de leitura (ou mesmo de interferência) dos diretores de cena, que por sua vez reivindicavam uma autoria no palco. Stanislavski estabeleceu uma partitura gestual e física impressionante em sua montagem, que viabilizou inclusive o reconhecimento de uma obra que parecia então não-representável. Por outro lado, o detalhamento ambiental do genial diretor confirmava, na opinião de Williams, a tendência ao crescimento do poder da caixa cênica, num processo de confinamento da ação teatral ao palco que dificulta os trânsitos mais abertos com o público. De novo, Williams parece indicar, ao lado do trabalho do mestre, o risco de sua redução a uma vulgata técnica, o que pode sinalizar um problema social maior num tempo em que o “sentimento das pessoas é trancado em salas fechadas”. O teatro já surge para iluminar dinâmicas culturais e sociais maiores, nas quais está inserido.”

Sérgio de Carvalho



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



“As análises de *Vida de Galileu*, de Brecht, e de *Esperando Godot*, de Beckett, autores mais importantes do século XX, estão ali para registrar o quanto peças notáveis dependem de um diálogo com uma encenação avançada, capaz de conexões vivas entre ação e fala (simbolicamente, entre teatro e sociedade) sem o que sua força pode se dissipar. O cinema, como indica a análise sobre *Morangos silvestres*, de Bergman, que encerra o livro talvez traga exemplos de uma nova síntese entre texto e cena que pode contribuir para modelar o trabalho daqueles que se põem contra a “perda do segredo da ação”. Ainda que Williams aposte fichas demais no potencial da televisão e do cinema com relação ao desenvolvimento do drama moderno, almejando uma superação popular em relação às temáticas burguesas (seu ideal dependeria da tomada dos meios de produção pelos trabalhadores), a perspectiva geral tem validade: ele valoriza obras avessas a qualquer conformismo, não aceita elogios à inação. O problema não é o drama, mas seu confinamento ou sua reprodução abstrata: “Enquanto a sociedade for tratada genericamente, separada da vida do indivíduo, o drama perseguirá a realidade contemporânea não como uma necessidade humana, mas como um relato genérico (...)”. Se Beckett ainda consegue expressar tensão social na forma de algumas obras, seus imitadores da vanguarda teatral dos anos seguintes facilmente recaem no fetiche estético do culto à paralisia.”

Sérgio de Carvalho



a Pelican Book

Drama in Performance

Raymond Williams



Além de indicar como a crise do indivíduo burguês e de seu núcleo de reprodução doméstica impõem uma cisão entre fala e ação, texto e encenação, teatro e sociedade, que coloca o sentimento das pessoas em uma enlacrada e força a confecção de uma toda uma encenação avançada que dê um sopro de vida aos impasses da dramaturgia moderna, a passagem aponta para a aposta de Williams de que muitas das soluções representacionais viriam dos experimentos possibilitados pelo audiovisual. Se por um lado sua elucubração a propósito do caráter potencialmente democrático do cinema e da televisão, no que tange à produção de renovadas conexões entre escrita e performance e ao transbordamento dos conteúdos tipicamente burgueses rumo a uma cultura comum ou não extraordinária, que reconhecesse e ampliasse os valores mais generosos do movimento de trabalhadores, por outro lado Sérgio de Carvalho não deixa de indicar que tal superação demandaria uma expropriação e redirecionamento dos meios de produção cultural; tal revolução estaria condicionada e condicionaria toda uma reativação do inconformismo e da ação informada. É possível que a apresentação crítica de momentos cruciais da história do teatro para trabalhadores – que resultou no livro cuja publicação agora buscamos celebrar – tenha sido justamente o que à época possibilitaria o oferecimento de ferramentas e coordenadas para auxiliá-los a ler, interpretar e agir no mundo.

Como tentamos demonstrar até aqui, *Drama em cena* é um livro precioso, pois coloca essas e tantas outras questões da maior importância para todos aqueles interessados nas ligações entre cultura e sociedade. O colóquio “A Política, o Teatro e o Cinema: 70 anos de *Drama em cena* de Raymond Williams” tem exatamente por objetivo propiciar um espaço de encontro e reflexão envolvendo diversos pesquisadores que estabeleceram um diálogo entre seus respectivos trabalhos e a contribuição de Williams.

Texto de Lindberg Campos

